

A História Sacerdotal e a Aliança do Sinai

Ainda há uma década pairavam no ar os últimos ecos da «aliança» veterotestamentária, que entrara de enxurrada em muitos sectores da investigação bíblica e da divulgação teológica. É certo que já em 1933 W. Eichrodt submetera a sua visão teológica do Antigo Testamento ao arcaboço da aliança¹.

Mas só a partir da descoberta de afinidades entre o formulário da aliança do Antigo Testamento e a estrutura dos pactos hititas de vassalagem é que começou a inflação².

A crise parece superada. E pode-se hoje aflorar o tema com a serena limpidez da crítica literária. Como encarou o escritor sacerdotal o acontecimento do Sinai? Certamente como fundamento da ordem cultural legítima de Israel. Também como aliança? P conhecia essa interpretação. Tê-la-á feito sua?

I

Para o patriarca da crítica veterotestamentária, Julius Wellhausen, toda a história sacerdotal estaria cravejada de alianças: na criação, depois do dilúvio em Noé, no limiar da história santa com Abraão,

¹ W. EICHRODT, *Theologie des Alten Testaments*, I, sobretudo § 2.º «Das Bundesverhältnis», Göttingen 1959⁶, pp. 9-32.

² Indica-se ordinariamente G. MENDENHALL, *Law and Covenant in Israel and the Ancient Near East*, Pittsburg 1955 (= BA XVII, 1944, pp. 26-76) como iniciador nesta matéria. Os alunos do Pontifício Instituto Bíblico dos princípios da década de 60 lembram-se das aulas, aliás interessantíssimas, do Prof. W. L. Moran, em que se aflorava abundantemente esta perspectiva. K. BALTZER, *Das Bundesformular* (WMANT 4), Neukirchen-Vluyn 1960, pretendeu detectar o formulário da aliança em vários lugares do Antigo Testamento. Como era de esperar, não faltaram as críticas, algumas severas e mordazes, das quais saliento F. NÖTSCHER, *Bundesformular und «Amtsschimmel»*, em BZ N. F. 9 (1965) 181-214 e G. FOHRER, *Altes Testament. «Amphiktionie» und «Bund»?* em TLZ 91 (1966) 801-816. 893-904. O estado da discussão até 1965 é bem apresentado por D. J. Mc CARTHY, *Der Gottesbund im Alten Testament* (SBS 13), Stuttgart 1967.

enfim no Sinai. Livro das Quatro Alianças podia muito bem ser o nome do escrito sacerdotal, em sigla Q (quatuor)³. Replica W. Zimmerli⁴ que as alianças sacerdotais se reduzem a metade. Nem a criação nem o Sinai têm algo a ver com aliança, na perspectiva sacerdotal. Há apenas duas alianças em P: a de Noé (Gn 9, 8-17) e a de Abraão (Gn 17, 1-14). A primeira tem o arco-íris como sinal; a segunda expressar-se-á na circuncisão, que distinguirá Abraão e os seus descendentes.

Não que o historiador sacerdotal ignorasse a existência da aliança do Sinai. Ela estava-lhe bem diante dos olhos, não só na história jehovista (JE), mas até na própria tradição sacerdotal, em que a Lei de Santidade (Lv 26, 45) se enquadra. Mas P omite muito deliberadamente a aliança do Sinai. A razão é que não vê na era de Moisés mais do que o cumprimento da aliança com Abraão (cf. Gn 17,8 com Ex 6, 7-8). A omissão não seria obra do acaso, nem resultaria da redacção final do Pentateuco⁵.

O escritor sacerdotal nunca a escreveu. «A aliança do Sinai, na sua forma antiga, tornou-se duvidosa para P como fundamento da relação com Deus. Assim, toda a fundamentação do estado de aliança é retroprojectada na aliança de Abraão. A tensão velada que existe em JE (e Dt) no paralelo aliança de Abraão — aliança do Sinai é afastada aqui. O que acontece nos tempos de Moisés, no Sinai, é pura e simplesmente compreendido em P como cumprimento daquela antiga promessa salvífica, em que meramente assenta agora a aliança⁶».

L. Perlitt é categórico:

«No fim da elaboração da perícopes do Sinai não se fala de aliança do Sinai, mas do encontro com Deus, determinante para a teologia sacerdotal do culto, em que Ex 24, 15b-18a constituiu a cena típica ideal⁷». E ainda: «A perícopes canónica do Sinai é o resultado de

³ J. WELLHAUSEN, *Die Composition des Hexateuchs = Skizzen und Vorarbeiten*, 2, 1885 cf. ID., *Prolegomena zur Geschichte Israels*, 1883, pp. 8-9, n. 2.

⁴ W. ZIMMERLI, *Abrahambund und Sinaibund*, em ID., *Gottes Offenbarung. Gesammelte Aufsätze zum Alten Testament* (TB 19), München 1969, p. 105. B. STADE, *Biblische Theologie des Alten Testaments*, I, 1905, p. 345 chegara à mesma conclusão.

⁵ Hipótese admitida por G. VON RAD, *Theologie des Alten Testaments*, I⁴, München 1962, p. 148: «So ist immerhin mit der Möglichkeit zu rechnen, dass P ursprünglich auch einen Sinaibund enthalten hat, dass dieser Teil aber bei der Zusammenlegung mit JE (in Anbetracht von Ex. 24) in Wegfall gekommen ist».

⁶ W. ZIMMERLI, *o. c.*, p. 215.

⁷ L. PERLITT, *Bundestheologie im Alten Testament* (WMANT 36), Neukirchen—Vluyn 1969, p. 233.

uma história tradicional e literária que durou perto de um milénio. Nem no princípio nem no fim conheceu este complexo de tradição a sua interpretação teológica de aliança. Para o escrito sacerdotal, portanto lá para o fim deste crescimento, a ברית é pura promessa, dada aos patriarcas na hora do êxodo, agora capaz de ser cumprida e objecto da recordação de Javé, enquanto no Sinai não se relata nenhum espécie de celebração da aliança...⁸.

II

W. Zimmerli viu bem o inegável conhecimento da interpretação teológica do Sinai por parte de P. Pode-se duvidar se essa interpretação já era dada pelas fontes JE⁹. Mas a tradição sacerdotal fala por si. A própria história sacerdotal, como reconhece Zimmerli, deixou cair o termo técnico ao narrar o acontecimento do Sinai (Ex 31, 17), como nas alianças com Noé (Gn 9, 8-17) e Abraão (Gn 17, 1-14). E à Lei de Santidade (Lv 26, 45) podemos acrescentar o testemunho de Ezequiel, cuja relação com aquele escrito passa como facto estabelecido na ciência veterotestamentária¹⁰. Ora Ez 20, 12 conhece a aliança do Sinai. Nesta retrospectiva da história de Israel, o v. 12 retoma quase literalmente Ex 31, 13, apresentando o mandamento do sábadado «como cerne de toda a lei, por assim dizer, como a sua essência»¹¹. Na sequência de G. A. Cooke¹² e outros, W. Eichrodt nega a autenticidade das passagens alusivas ao sábadado em Ez 20¹³.

Os seus argumentos não carecem de peso. Mas nem a unidade do capítulo é absolutamente segura, nem se pode argumentar com a raridade das alusões ao sábadado no resto do livro, pois Ez 20, 4-26 contém várias outras expressões que só aí ocorrem. Se os vv. 4-26 são uma unidade literária, os argumentos de Eichrodt perdem muito da sua força¹⁴.

⁸ *Ibid.*, p. 232.

⁹ Cf. *ibid.*

¹⁰ R. KILIAN, *El escrito sacerdotal*, em J. SCHREINER (ed.), *Palabra y mensaje del Antiguo Testamento*, trad. castellana de M. Villanueva, Barcelona 1972, p. 327.

¹¹ W. EICHRODT, *Der Prophet Hesekiel* (ATD 22) Göttingen 1968³, p. 174.

¹² G. A. COOKE, *The Book of Ezekiel*, em *Festschrift-Junker*, Trier 1961, pp. 65-74.

¹³ W. EICHRODT, *Der Sabbat bei Hesekiel*, em *Festschrift-Junker*, Trier 1961, pp. 65-74.

¹⁴ Cf. J. LUST, *Ez. XX, 4-26 une parodie de l'histoire religieuse d'Israël*, em H. CAZELLES (ed.), *De Mari à Qumrán. L'Ancient Testament (Hommage à Mgr. J. Coppens, I)*, Gembloux-

A dificuldade é que Ez 20 não menciona o «sábado», mas «os sábados», tal como Ex 31, 13; enquanto Ex 31, 14-17 fala no «sábado». Não é seguro que Ex 31, 14-17 contenha um desenvolvimento de Ex 31, 13, aventando-se mesmo a hipótese de estarmos perante duas tradições sacerdotais diferentes: 31, 13 = P^a; 31, 14-17 = P^b 15.

Neste caso, temos em Ez 20 a fusão das duas tradições: «os sábados» de Ex 31, 13 passam a ser o «sinal», como o «sábado» de Ex 31, 14-17. Mas, sendo assim, é difícil limitar o sentido dos sábados de Ezequiel aos anos sabáticos 16. Deve tratar-se do sábado semanal e de todas as instituições com ele relacionadas. De qualquer modo, os sábados de Ez 20, 12 «sont qualifés comme signe (’ôt) de l’alliance entre Dieu et son peuple. Tout comme la circoncision et l’arc-en-ciel, ils sont des symboles appelés à révéler la distinction entre le peuple de Dieu et ses voisins 17». Com a menção das leis e preceitos e do «sábado» (Ez 20, 11-12) pode ouvir-se uma recordação da vasta legislação do Sinai. O «sinal» refere-se à «aliança» concluída nesse encontro numinoso 18.

Se toda a tradição sacerdotal conhece a aliança do Sinai, é um tanto estranho que P a tenha omitido propositamente para valorizar a aliança com Abraão.

III

Ocorre perguntar se o problema está bem posto e se é lícito entender P por comparação com outras apresentações da aliança do Sinai. A escola deuteronomista (Ex 19, 3-6) pôde conceber a aliança do Sinai quase como pacto bilateral que o povo deve aceitar ou rejeitar. Ex 24, 3-8, qualquer que seja a tradição, pôde descrever a conclusão solene da aliança como sacrifício cruento e rito simbólico. Ex 24, 1-2. 9-11 pôde conceber a aliança (?) como banquete. Mas nenhuma destas concepções é aceite pelo escritor sacerdotal. O Deuterónimo representa a corrente literária e teológica do Pentateuco

-Paris 1969, pp. 145-146. W. ZIMMERLI, *Ezechiel* 1 (BK XIII/1), Neukirchen-Vluyn 1969, p. 447 mantém a autenticidade de Ez 20, 12. 13. 16. 20. 21. 24 em virtude da ocorrência consequente do mandamento do sábado.

15 G. BEER, *Exodus* (HAT) Tübingen 1939, p. 151.

16 Como faz J. LUST, *o. c.*, pp. 144-145.

17 *Ibid.*, p. 144.

18 Cf. W. ZIMMERLI, *Ezechiel* 1... pp. 446-447 e a tradução do v. 12 na p. 432: «und auch meine Sabbate gab ich ihnen, dass sie ein (Bundes-) Zeichen würden zwischen mir, damit man erkenne, dass ich — ich Jahwe — sie heilige».

cronologicamente mais próxima do escritor sacerdotal. «Tanto o Deuteronomio como o escritor sacerdotal são uma tentativa de formular teologicamente toda a existência político-religiosa de Israel perante Deus, por meio de um recurso à história da salvação. E, no entanto, que diferença! Onde está em P a frente apaixonada contra as formas da religião cananea? A questão de saber a quem pertence o culto é indiscutível; tanto mais importante é o como (...). O Deuteronomio é inteiramente pedagógico, luta e apela para ser escutado e obedecido pelos seus leitores. Tudo isto falta inteiramente em P. Não se procura aqui a compreensão e o acolhimento voluntário, mas apresentam-se os materiais com seriedade e quase distante dignidade»¹⁹. No conceito de aliança mostra P uma oposição frontal à mentalidade deuteronomica.

Mas será mesmo lícito falar de «aliança»? A palavra aliança não passa de uma tradução de recurso do hebreu בְּרִית, escrevia G. von Rad²⁰ há cerca de duas décadas. O provisório parece ter chegado ao seu termo com os estudos de E. Kutsch²¹.

Este exegeta defende que בְּרִית na maior parte das passagens, significa «determinação» (*Bestimmung*), «compromisso» (*Verpflichtung*). No campo profano, *berith* é ou o compromisso unilateral ou a determinação imposta a um terceiro. Pode chegar-se a uma *berith* bilateral, tratado ou pacto. Deste uso secundário e relativamente raro depende a tradução «aliança». Mas, como um compromisso bilateral entre Deus e o homem não é possível, devia riscar-se a «aliança» do vocabulário teológico. Na linguagem teológica do Antigo Testamento só ocorrem as duas primeiras acepções: compromisso unilateral e compromisso imposto a outro. Compromisso bilateral com direitos recíprocos não se encontra no Antigo Testamento.

¹⁹ G. VON RAD, *Die Priesterschrift im Hexateuch*, em ID., *Gesammelte Studien zum Alten Testament*, II, (TB 48), München 1973, p. 186.

²⁰ G. VON RAD, *Theologie des Alten Testaments*, I⁴, 143: «unser Wort 'Bund' ist nur eine behelfsmässige Wiedergabe des hebräischen Wortes בְּרִית».

²¹ Cf. E. KUTSCH, *Gesetz und Gnade*, em ZAW 79 (1967) 13-35; *Der Begriff בְּרִית in vordeuteronomischer Zeit*, em *Das ferne und nahe Wort* (Festschrift L. Rost) (BZAW 105), Berlin 1967, pp. 133-143; *Sehen und bestimmen. Die Etymologie von berith*. Em *Archäologie und Altes Testament* (Festschrift K. Galling), Tübingen 1970, pp. 165-178; *Verheissung und Gnade* (BZAW 131), Berlin 1973. O primeiro a chamar a atenção para o problema terá sido J. BEGRICH, *Berith. Ein Beitrag zur Erfassung einer alttestamentlichen Denkweise*, em ZAW 60 (1944) 1-11 (= ID., *Gesammelte Studien zum Alten Testament*, TB 21, München 1964, pp. 55-66), onde se distingue *berith*-dom, própria do antigo Israel e *berith*-contrato, mais tardia e devida a influência cananea. Ver ainda W. ZIMMERLI, *Erwägungen zum «Bund»*. Die Aussagen über die Jahwe—בְּרִית in Ex 19-34. Em *Wort-Gebot-Glaube* (Festschrift W. Eichrodt), (ATANT 59), Zürich 1970, pp. 172-173.

Mesmo quem defende a tradução «aliança», por o compromisso unilateral de Deus criar uma relação estável com o homem²², reconhece a justeza das observações de Kutsch²³.

Defensor intransigente da transcendência de Deus desde o início da sua obra (Gn 1), P não podia deixar os créditos por mãos alheias ao recorrer à categoria *berith*. Dentro da mais estrita unilateralidade, Deus age sozinho, sem parceiros. O máximo que admite são espectadores. Com admissível e rigorosa coerência, o escritor sacerdotal evita até as palavras suspeitas. Deus não «celebra» ברת apenas «instaura» ou «estabelece» הקים a *berith* (cf. Gn 9, 11, 15; 17, 2.4.7.9.10.13). Não há os mais ténues laivos de bilateralidade.

O rigor desses pensadores arrumados e quase frios da escola sacerdotal vai ao ponto de estruturar diferentemente a aliança com Noé e a aliança com Abraão. Os esquemas mostram melhor as estruturas. Atendamos aos verbos e seus sujeitos:

Gn 9, 8-17:

I		II	
Deus		Noé, descendência e demais criaturas	
v. 9: «eis que estabeleço»	הגני מקים		
v. 11: «estabelecerei»	והקמתי		
v. 13: «ponho»	ונתתי		
v. 14: «quando cobrir»	בענני		
v. 15: «lembrar-me-ei»	וזכרתתי		
v. 16: «quando o vir»	וראיתי		

Noé e os seus filhos, para já não falar das criaturas irracionais, não são sujeitos de nenhum verbo activo. A *berith* é promessa unilateral. É favor concedido a Noé, a toda a humanidade e «todos os seres vivos» (v. 16) ou «todas as criaturas» (v. 17) da terra. O homem não aparece nem sequer como sujeito de obrigações. E como poderia haver contrapartida, se os beneficiários eram todos os seres vivos da terra! Os brutos são incapazes de assumir compromissos ou obrigações morais. No entanto, a *berith* estendia-se também a eles. Nunca mais serão eliminados por uma catástrofe como o dilúvio. Surgirão

²² C. WESTERMANN, *Genesis 17 und die Bedeutung von berith*, em TLZ 101 (1976) 161-170.

²³ Cf. E. HAAG, *Bund für Volk und Licht für die Heiden*, em Didaskalia 7 (1977) 9-10.

borrascas e tempestades, os rios poderão transbordar e inundar as planícies, as cheias continuarão a ameaçar a existência humana e a sobrevivência dos animais. Mas não faltará o arco-íris prenunciador de bonança, garante de esperança. É o «sinal» da *berith* de dimensões cósmicas, prometida outrora a um Noé mal feito do pânico do dilúvio.

Quem põe o «sinal» (vv. 12. 13. 17) da *berith eterna* é Deus. Homens e animais serão apenas espectadores mudos e passivos, como já o foram Noé e os filhos a quando da promessa. A *berith* é pura graça.

Com a entrada em cena de Abraão, a perspectiva estreita-se e a promessa concretiza-se. O compromisso de não mais destruir a humanidade com um dilúvio era uma espécie de limitação de santidade vingadora de Deus. Com Abraão a promessa é mais positiva e tende a estabelecer uma relação especial e duradoira com uma família humana. Há também uma *berith eterna* (vv. 7. 13) e um *sinal da berith* (vv. 11. 13). Mas a estrutura mudou. Embora continue a agir só, Deus tem pela frente alguém que interpela directamente (v. 9 «guardarás»). À acção de Deus corresponde a reacção de Abraão que se prostra por terra (v. 3). A cena compõe-se de duas partes: Gn 17, 1-14:

I Deus		II Abraão e descendência	
v. 2: «quero fazer (dar)»	ואתנה	v. 9: «guardarás»	תשמר
«multiplicarei»	וארבה	v. 10: «guardareis»	תשמרו
v. 4: «faço» (dou)	אתך	המול לכם כל-וזכר	
v. 5: «faço-te»	נתתיך	«todo o varão será circuncidado»	
v. 6: «tornar-te-ei fecundo»	והפרתני	v. 11: «circuncidareis»	ונמלחם
«far-te-ei»	נתתיך	ימול לכם כל-זכר	
v. 7: «estabelecerei»	והקמתי	v. 12: «entre vós será circuncidado todo o varão»	
v. 8: «darei»	ונתתי	המול ימול	
«serei»	והייתי	v. 13: «seja circuncidado sem falta»	

À promessa de Deus (I) corresponde uma obrigação do homem (II). Aos verbos de agir de Deus (primeira pessoa), a interpeção manifestada pela segunda pessoa singular e plural. Faltando

a correspondência humana, virá o castigo implacável (um elemento que não tinha qualquer lugar em Gn 9, 8-17). Interpelação, obrigação e castigo não têm o mínimo paralelo na *berith* concedida ao mundo na pessoa de Noé.

Passemos ao Sinai (Ex 31, 13-17):

I Deus	II Israelitas
	v. 13: «observareis» תשמרו
	v. 14: «guardareis» ושמרתם
	v. 16: «guardarão» ושמרו

Como nas duas cenas anteriores, trata-se de uma *berith eterna* (v. 16. 17), selada com um «sinal» também ele eterno (vv. 13. 17). Como na *berith* abraâmica há obrigações sérias da parte dos beneficiários e um castigo severo para quem não a observar. A não-observância do sinal é punida com a morte: se alguém trabalhar no dia do sábado מות יומת «será punido com a morte» (v. 15). ברית עולם (Gn 17, 7; Ex 31, 16) e אזהרה (Gn 17, 11; Ex 31, 17), obrigações e ameaça de pena de morte fazem de Gn 17, 9-14 e Ex 31, 13-17 paralelos perfeitos. Falta apenas a introdução correspondente a Gn 17, 1-8. Poderá alguém dizer que P não relata a aliança do Sinai? Assim truncada, a aliança deixou de ser pura graça para se tornar pura lei. O que é duro, para não dizer mais. Custa a crer que os defensores da pura graça para com o universo (Noé), encarem o acontecimento do Sinai como pura lei. Ao menos que a lei fosse contrabalançada com a graça, como na *berith* abraâmica.

Não pode haver a menor dúvida de que Ex 31, 13-14 se refere a uma aliança, contraída por todo o Israel no Sinai. A questão está apenas em saber se o trecho pertence à História Sacerdotal primitiva (Pg) ou a um estrato redaccional secundário (Ps)²⁴. Em qualquer dos casos, custa a crer que um discípulo do Templo se tenha aproximado tanto da concepção do Deuteronomio, ultrapassando-a mesmo pela direita. Impor o «sábado» como sinal de uma «aliança» que não se oferece nem «se estabelece» é reduzir as relações do homem com Deus a uma dimensão puramente legalista. Dada

²⁴ G. VON RAD, *Theologie...* I, 148: «talvez secundária».

a semelhança estrutural com as prestações de Abraão e descendentes (Gn 17, 9-14: II)²⁵, parece óbvio que os redactores finais do Tetrateuco omitiram deliberadamente a oferta da aliança do Sinai (correspondentes a Gn 17, 1-8: I). A oferta e aceitação estavam mais que descritas com os extractos das outras fontes (Ex 19; 20; 24).

Na derrocada do exílio, os escritores sacerdotais não olham apenas para a aliança com Abraão, como se fosse o único fundamento e a única tábua de salvação (Zimmerli). Recordam igualmente a aliança do Sinai. Três instituições lhes merecem o atributo de עולם: a Páscoa (cf. Ex 12, 4), a circuncisão e o sábado. Todas elas marcam a diferença insuperável entre os Israelitas e os vizinhos pagãos de Babilónia. Mas só a circuncisão e o sábado são sinais da especial relação que liga Javé ao seu povo: «sinal da aliança entre mim e vós» (circuncisão) «sinal entre mim e vós» (sábado). A *berith* «estabelecida» com «Abraão» era a promessa e o germe da aliança celebrada com os «descendentes» concentrados no Sinai.

JOSÉ NUNES CARREIRA

²⁵ À «aliança» com Abraão não se pode aplicar a afirmação genérica de G. VON RAD, *ibid.*: «Die priesterliche Auffassung vom Bund ist ganz ungesetzlich...». Como se a circuncisão não fosse mais que «eine(r) bekenntnismässige(n) Aneignung des göttlichen Heilsangebotes».

Summary

Some scholars (W. Zimmerli, L. Perlitt) have assumed that the Priestly Writer deliberately leaves out the Sinaitic Covenant. As a matter of fact, however, two covenant terms, אֹת (Ex 31, 17) and בְּרִית (Ex 31, 16), occur in the P description of the Sinai event. On the other hand, the structure of the abrahamic covenant (Gen 17) seems to imply that the first part of the P Sinaitic Covenant was lost in the final elaboration of the Pentateuch. Otherwise, and against a P view of covenant, the Sinaitic event would appear as *pura lex* (the Noah covenant was *pura gratia*).

JOSÉ NUNES CARREIRA